

A ALMA DO GUERREIRO: A CULTURA POLÍTICA DA HONRA NA ERA IMPERIAL JAPONESA E SEU DESFECHO NO PÓS-GUERRA

Data de aceite: 02/01/2024

Douglas Tacone Pastrello

Especialista em filosofia moderna e contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina, mestre em História política pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente doutorando em História pela Universidade Estadua de Maringá, sob orientação do prof. Dr. João Fábio Bertonha.

momento da abertura da nação com início da reforma Meiji em 1868 seguida pela ilustração dos esforços do governo para adquirir cada vez mais adeptos ao auto sacrifício. Assim como, será elaborado os reflexos dessa ideologia dentro e fora do Japão, entre civis e soldados.

A REFORMA MEIJI

A reforma Meiji colocou fim ao poder do Shogunato no Japão e (re) instaurou a supremacia do poder imperial, centralizando assim o poder nas mãos do Imperador, uma figura de descendência divina, cujo em sua vontade residia a mais pura e real verdade. Além da centralização do poder, houve a abertura do Japão para o mundo exterior, vale ressaltar que até este momento o Japão vivia uma espécie de feudalismo que tinha como base a cultura samurai e o *shogun*.

O novo governo cogita que para o crescimento do Japão seria necessário da mão de obra da população comum,

INTRODUÇÃO

A cultura da honra perpetuada pelo Estado Imperial da japonês do século XX tem sua raiz em momentos anteriores, baseada no intenso código do *bushido*¹ dos samurais. A ideologia buscava incutir nos nipônicos o senso do auto sacrifício em prol da nação.

O presente artigo busca elucidar os principais elementos desta cultura da honra e demonstrar sua fixação através do Estado Meiji e seu desfecho nos momentos iniciais do pós-guerra. Será feita uma rápida abordagem histórica desde o

¹ O código do Bushido pode ser correlacionado com o código dos cavaleiros medievais. Uma série de ensinamentos sobre lutas e aspectos do comportamento social adequado ao guerreiro.

considera-se então que seria preciso criar formas de captar os corações e mentes do povo para com a nação.

O método mais utilizado para tal união da nação foi a “origem comum” e divina do povo japonês, como aponta Célia Sakurai¹. Há a criação de uma narrativa que demonstrava como todo o povo japonês era uma “grande família”, que tudo seria justificado como “a favor do bem de todos”.

Toda mudança passou a ser justificada como sendo para o “bem de todos”, mesmo que à custo de sacrifícios. O argumento da “necessidade de harmonia, emprestado do confucionismo, foi usado para dar corpo às tarefas necessárias. A imagem da “família ideal” ilustrou a ideia do indivíduo como parte de um todo que começa com a família nuclear, passando pela extensa, a comunidade, a província até chegar ao Imperador, deste à “grande família que é o universo” e finalmente a harmonia em si.²

Justificasse, inclusive, a ideia de que todos são próximos, ao considerar que todos seriam descendentes da deusa sol *Amaterasu*, inclusive o próprio Imperador, e vincula-se de forma inerente a esta narrativa a criação do “Eu e o Outro”, o povo japonês tem a sua origem divina em comum e os outros povos não compartilham desta dádiva, logo eles são inferiores aos japoneses.

Esta ação pode ser explicada segundo a teoria do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que em seu livro “Topofilia”³ disserta sobre a questão do eu, o lugar e os laços afetivos que envolvem o espaço geográfico, desta forma uma das questões pontuadas pelo geógrafo é o fato de estabelecermos uma espécie de “padrão de normalidade” com base no nosso centro geográfico, quanto mais distante uma cultura for de nosso centro cultural-geográfico, maiores as chances de esta determinada cultura ser rotulada como bizarra ou anormal, justificando inclusive a repulsa aos outros povos e nisseis de outras nações.

Assim, é plausível imaginar que uma narrativa mítica de origem destas fosse estabelecida com base no “Eu e o Outro”, porém há mecanismos culturais que não só se apropriam desta narrativa, como também servem para fixá-la. Uma desta é o estabelecimento de uma cultura política² da honra.

Entendemos como “cultura política” o conceito que Serge Berstein⁴ apresenta como uma ideologia política disseminada pelos mais variados ramos sociais, desde a família à escola. Compreende-se que a cultura política surge como resposta a necessidades do próprio tempo e se espalha organicamente.

E a sociedade nipônica fomenta essa ideia em um turbilhão de informações, desde o seio familiar, a formulação de leis estatais e programas-propaganda constantes no cinema e no rádio.

E, nestas condições de pensamento que o Estado japonês caminha, cria-se a

² Como cultura política entende-se o conceito que Serge Berstein (1998) pontua como uma cultura disseminada em uma sociedade com base em seus próprios anseios, que a permeia sem necessariamente permutar com ela, sendo uma ideia plural e transmitida através diversos círculos sociais.

cultura política da tradição e da honra, aproveitando do código do bushido samurai³, estes que outrora eram os grandes senhores, agora eram perseguidos pela nova ordem, todavia sua tradição se tornaria útil para solidificação do *Yamato-Damashii*, o “espírito japonês”, aquilo que diferenciaria o japonês do Outro.

Todavia, é crucial ponderar que esta “cultura da honra” não é uma criação exclusivamente do período após a reforma Meiji, mas que sua transformação em uma cultura política em prol da nação é.

Torna-se assim, uma política de Estado, Ruth Benedict⁵ e Yoshikuni Igarashi⁶ trazem diversos relatos sobre esse tópico em específico dentro de seus escritos.

Igarashi demonstra como os corpos dos japoneses eram vistos como uma extensão do Estado nipônico, durante o período próximo e durante o conflito o controle sobre os corpos aumenta, o governo promove duas leis a *Kokumin Tairyoku Hō* (Lei nacional do Vigor físico) e a *Kokumin Yūsei Hō* (Lei nacional da Eugenia), ambas destinadas ao “aprimoramento do corpo japonês”.

Sob a primeira lei, todos os jovens abaixo de 20 anos passariam por exames físicos obrigatórios, recebendo ao fim uma documentação com os resultados, histórico médico e até dentição. A partir de 1942 o exame passou incluir testes de capacidade motora voltados para a guerra⁷.

Corpos fisicamente capazes eram considerados leais e aqueles incapazes de ajudar no efetivo beiravam a traição. Todo o esforço do corpo nacional deveria ser um motivador da guerra: trabalhadores de uma fábrica deviam trabalhar ininterruptamente, mães deveriam encorajar os filhos aos alistamento, e assim por diante.

Igarashi apresenta, também, o relato do fotógrafo Kikujiro Fukushima, entusiasta do discurso ufanista da nação e decidiu se alistar no exército, mesmo com uma recomendação médica de não alistamento devido a uma icterícia aguda. O fotógrafo aprende a “controlar” seu corpo e as dores em prol da nação, todavia seu entusiasmo logo se esvai à medida que presencia os treinamentos,

Meu estomago, enfraquecido até o limite, rejeitava as comidas dos militares que continham feijões de soja[...] o que eu comia permanecia na forma original – e sujava minhas calças quando estava em sessões de treinamento[...] Contudo, os poucos soldados que foram devagar nas suas ações e memorizações continuaram sendo punidos (como tinha acontecido desde o começo do recrutamento). Três deles escaparam uma noite: um deles foi encontrado como um cadáver mutilado atropelado por um trem, enquanto outros dois foram içados do poço do complexo militar, inchados como bolas de borracha. Os oficiais e líderes do pelotão que correram até a cena, ficaram chutando os corpos até que as barrigas estouraram e os órgãos internos saíram, enquanto ficavam gritando: “Seus traidores”.⁸ (

Homens que não eram capazes de recitar a “Declamação Imperial para Soldados

3 Também podendo ser traduzido como um “código de conduta”, representa os valores que um éticos, morais e de combate que um samurai deveria seguir.

e Marinheiros” eram brutalmente espancados até virarem um mingau indistinguível de sangue.⁹

O governo nipônico usava de todos os meios possíveis para promover a cultura da honra, utilizando principalmente de transmissões no rádio chegava inclusive a afirmar quando os bombardeios começaram atingir as cidades japoneses que “o inimigo estava exatamente onde planejavam”, à escassez de alimentos dizia-se que quanto maior era a escassez mais devia-se aumentar a força física através de outros meios. “Não devemos pensar que tenhamos sido passivamente atacados, mas sim que ativamente atraímos o inimigo para nós”¹⁰

O cinema japonês promovia o senso de sacrifício da cultura da honra de forma quase que exemplar, e quando não, a censura se responsabiliza por colocar o mal exemplo na linha. Em 1939, o governo japonês aprovou a lei nacional de cinema. Essa lei dava total acesso a produção do filme por órgãos censores do governo.

Segundo Novielle¹¹, a lei nacional sobre cinema que tinha como objetivo “inculcar por meio do cinema a consciência nacionalista e de concretizar em imagens a hipótese de uma vitória prevista”¹², logo filmes que frisassem na liberdade e/ou felicidade individual, crítica ao Estado japonês ou ao aparato militar da nação, eram vetados.

Os filmes podiam ser censurados desde seus estágios iniciais de roteiro, criação de cenas até a montagem da pós-produção. O rádio fazia uso das mesmas ferramentas, criava-se todo um aparato de propaganda para sustentar a ideologia nacional do *yamato-damashii*, como fica visível neste relato feito em rádio:

Terminados os combates aéreos, os aviões japoneses regressaram à sua base em pequenas formações de três ou quatro. Num dos primeiros aparelhos, achava-se um capitão. Apeando-se, examinou o céu por meio de binóculo. Enquanto seus homens retornavam, ele contava. Parecia bastante pálido, porém, muito firme. Após o regresso do último avião, dirigiu-se ao quartel general, onde fez um relatório encaminhando-o ao Oficial comandante. Logo em seguida, porém, tombou súbito ao solo. Os oficiais no local acorreram-lhe em auxílio, mas ele já estava morto. Examinando-lhe o corpo, descobriu-se que já estava frio, com ferimento à bala de consequências fatais. É impossível encontrar-se frio o corpo e uma pessoa recentemente morta. Entretanto, o corpo do capitão morto estava frio como gelo. Há muito que ele estava morto, fora seu espírito que fizera o relatório. Um fato tão miraculoso deve-se sem dúvida ao rigoroso senso de responsabilidade do capitão morto.¹³

A ênfase em que o soldado nipônico já estaria morto é dada diversas vezes a fim de estabelecer um compromisso do ouvinte com o “espírito” japonês. Esse espírito que pode ser facilmente interpretado como o corpo a serviço do Japão/Imperador. Essa lógica também era empregada aos kamikazes com o lema “contrapor nosso treinamento ao número deles, nossa carne ao seu aço”, se as metralhadoras dos aviões não ferem o inimigo que se arremesse o caça sobre seus navios.

No seio desta ideologia, os japoneses se creditavam seres iluminados, superiores

aos demais povos e nações¹⁴, estas questões ficam visíveis durante a segunda guerra mundial, quando em contato com os norte-americanos, se demonstra que valores que os próprios norte-americanos viam como positivos entre eles, seriam motivo de chacota ou desonra entre os nipônicos, assim se moldava o inimigo norte-americano. Como a exemplo do caso de um oficial americano, condecorado por salvar dois encouraçados que aos olhos dos japoneses era motivo de estranhamento:

A razão oficial da condecoração não foi por ter o comandante John S. McCain sido capaz de pôr os japoneses em fuga, embora não compreendamos por que, já que a comunicação de Nimitz assim revelou... Pois bem, a razão da condecoração do almirante McCain foi por ele ter conseguido salvar dois navios de guerra americanos.[...]o que desejamos que notem é que o salvamento de dois navios avariados é motivo para condecoração nos Estados Unidos. ¹⁵

Do ponto de vista japonês a guerra era necessária para trazer ordem à anarquia do mundo, que só poderia prosperar sob o domínio japonês, algo que a antropóloga reforça constantemente ao tratar dos japoneses na guerra,

O espírito, diziam os japoneses, era tudo, era eterno; as coisas materiais eram necessárias, bem entendido, mas secundárias e perdiam-se pelo caminho[...] “contrapor o nosso treinamento ao número deles, nossa carne, ao seu aço”. ¹⁶

Se render não era uma alternativa, todo soldado nipônico deveria fazer tudo que estivesse em seu alcance para sobrepor o inimigo, jamais se render, em caso de captura deveria atacar o inimigo com uma granada, desarmado, do contrário não poderia andar com a cabeça erguida, estaria “morto” para sua antiga vida.¹⁷

Os corpos que eram “incapazes” de serem “saudáveis” eram vistos como um peso. Doentes mentais, ficavam sob quarentena mandatária e deviam aceitar de “bom grado” seu isolamento como um presente da família imperial – já que muitas vezes o “tratamento” era pago pelo Estado. As leis de eugenia aprovadas durante esse período permitiam que os corpos japoneses pudessem sofrer intervenções estatais, que poderiam ser estendidas até o 4º grau de parentesco.

Segundo Igarashi¹⁸, documentos do Ministério da Saúde relatam pelo menos 518 operações sob a “lei nacional de eugenia”. O isolamento compulsório nos hospitais para doentes mentais, também, sofria de inúmeros problemas para com cuidado dos pacientes:

No hospital Matsuzawa de Tóquio, 41% dos pacientes morreram em 1945, enquanto que a taxa de morte da filial foi cerca de 53%. De acordo com os registros de ala de saúde mental do Hospital da Universidade Imperial de Quioto, as mortes de pacientes constituíram 34% dos casos de “alta”. Muitos pacientes perdiam peso de forma gradual, às vezes chegando a um quilo por semana, tinham diarreia crônica, e, finalmente, morriam[...]a diarreia parecia ser o único e último meio pelo qual os pacientes comunicavam seu sofrimento nas péssimas condições do hospital ¹⁹

Com o avanço dos anos adentro da guerra no Pacífico fica cada vez mais escassos

recursos e alimentos. O pouco estoque que está disponível é movimentado para os combatentes nos *fronts*, cidadãos comuns passam a ter de viver com pequenas rações diárias. Para os doentes mentais as rações eram inexistentes e os medicamentos faltosos, resultando em um aumento da taxa de mortes (que já era considerável). Essa questão não foi vista como um grande problema, afinal a própria população sabia que o esforço de guerra deveria ter prioridade.

Existia uma hierarquia interna e externa para os nipônicos. Fora do Japão, parte-se da “teoria de centro” de Yi-Fu Tuan, que se estabelece que quanto maior foi a distância entre dois povos mais aquele que observa tende a ver o outro como diferente, anormal e/ou bizarro. No caso, como já foi demonstrado por como os estadunidenses são vistos pelos japoneses.

Dentro da Ásia próxima, as nações eram vistas como “aliados” do Japão, desde que aceitassem a superioridade japonesa. A colonização japonesa no leste asiático deveria ser vista como uma oportunidade para essas nações. A propaganda era disseminada por meio de filmes que faziam alusão a isso.

Em alguns filmes, tais como *Nessa no Chikai*(1940) e *Shina no yoru*(1940)²⁰ retratam uma história de romance em um japonês e um chinês. Em ambos se demonstrava os benefícios da “colonização” japonesa e como haveria bons e maus chineses, no caso aqueles que abraçavam a política imperialista japonesa e os que não.

Dentro da propaganda feita nos filmes o trunfo do Estado japonês consistia na performance de uma atriz famosa chamada Li Hsiang-lan(Ri Koran em japonês), que na verdade era japonesa nascida na Manchúria chamada Yoshiko Yamaguchi. Entretanto, como sua verdadeira identidade fora encoberta ela se tornou um símbolo propagandista na China por seus filmes. Sua completa maestria da língua japonesa fazia dela um exemplo da edificação esperada dos colonos do imperialismo japonês²¹.

Caso, ainda, não houvesse a possibilidade ou uma cultura de consumo cinematográfico, como o caso da Região da Indo-china, fazia-se uso de uma exibição itinerante dos filmes. Porém, se já houvesse produção cinematográfica o Japão assumia total controle da produção, distribuição e até dos atores dos filmes ²².

O “Outro” é estabelecido não por sua identidade, mas por sua não identidade, suas qualidades podiam muito bem serem qualidades, mas não eram qualidades japonesas, o Japão seria, segundo Benedict, totalmente oposto aos norte-americanos, por exemplo. Isso torna visível que a identidade japonesa, ao ser confrontada por as demasiadas culturas do leste asiático e os Estados Unidos, não era abalada facilmente, de fato tornava-se mais firme.

Esperava que com essas atitudes para com os “aliados próximos”, fosse fortalecido neles a cultura da honra e do auto sacrifício japonês. Entretanto, mesmo com os mais adeptos dos colonos, inclusive aqueles que iam para a nação japonesa trabalhar a distinção era clara: não eram japoneses.

A hierarquia interior japonesa partia do Imperador ao topo. O grande “pai” da nação, uma divindade viva, tinha seus conselheiros próximos que eram o segundo escalão na hierarquia. Essa lógica mantinha-se até o camponês mais humilde, seus status social derivava de sua proximidade com o Imperador.

Militares de grande patente, educadores, militares rasos se encontravam na parte superior da pirâmide. Depois aqueles que contribuíam significativamente para o esforço de guerra como grandes produtores, industriais e por fim crianças que não estavam em treinamento e desempregados.

O manga *Hadashi no Gen*, um registro semiautobiográfico de Keiji Nakazama (um sobrevivente da bomba atômica de Hiroshima), trás o relato de como pai de Keiji – um pacifista e artista – era considerado muito abaixo por seus conterrâneos. Keiji relata que sua família contava basicamente com o apoio de um imigrante coreano, já que eram destratados por outros japoneses.

O pacifismo do pai de Keiji fez com que um de seus irmãos se alistasse ao exército para curar o mal da família, que era considerada uma traidora por todos. A sina de traidor causada pelo pai de Keiji gerava desgasto até para os filhos em suas relações com os professores e japoneses locais.

No anime *Hotaru no Haka*²³, o relato semiautobiográfico de Akihiko Nosaka, se torna evidente como crianças por “não contribuírem” eram negadas das rações que o governo oferecia, nos momentos próximos ao final da guerra. Em suma, se não apoiasse a política imperialista japonesa, o Imperador e a guerra, eram considerados traidores da pátrias – corpos inúteis. O pai de Nakazawa chegou a ser preso por engajar em movimentos antiguerra²⁴.

Keiji Nakazawa em entrevista afirmou que as crianças passavam todo o tempo brincando umas com as outras de “Japão vs o inimigo”, sendo um bom exemplo da pressão da cultura da honra nas crianças. Os filmes faziam questão de reafirmar o compromisso com o “inimigo”, a lei de cinema de 1939 assegurava que os censores trabalhassem o imaginário do inimigo.

O YAMATO-DAMASHII E O FIM DA GUERRA

Nos momentos próximos ao fim da Segunda Guerra Mundial, as cidades japonesas eram constantemente bombardeadas. Nakaza, por exemplo, relembra que grande parte de suas memórias desse período eram a fome e as idas para o abrigo.²⁵ afirma que dois dias de bombardeios na cidade de Tóquio foram responsáveis por cem mil fatalidades.

Por comparação a batalha de Okinawa durou três meses e causou a morte de 130mil soldados japoneses, 100 mil civis e 15 mil estadunidenses²⁵. Mesmo com o caos instaurado na ilha principal, a propaganda japonesa não cessava e limitava-se a dizer que “o inimigo

4 O anime foi dirigido por Isao Takahata, baseado no livro homônimo de Akihiko Nosaka.

está exatamente onde queriam”.

Soldados *kamikazes* passaram a se tornar uma medida cada vez mais comum ao fim do conflito. A falta de equipamento e a ausência de recursos de combate tornava os aviões bomba a única alternativa para frear o avanço inimigo. O caça japonês era desprovido de qualquer equipamento guia, portando apenas combustível suficiente para ida e uma bomba.

A cultura da honra pregava que o Japão precisava pôr fim a “anarquia do mundo”, os esforços individuais deveriam sempre estar voltados ao todo. Mesmo com parte da população descontente, as autoridades ainda mantinham o discurso nacionalista do auto sacrifício.

O orgulho japonês podia parecer indestrutível, mas suas estruturas e corpos não. Sob o comando do general Douglas MacArthur as forças Aliadas avançam rapidamente pelas Filipinas, tomando ilha a ilha.

No dia 6 de agosto de 1945 o bombardeio atômico de Hiroshima inicia o fim da guerra. A bomba atômica tem uma enorme repercussão no Japão, entretanto a bomba destruiu todo o aparato de comunicação da cidade de Hiroshima, a isolando do restante da ilha.

O filme *The effects of the atomic bomb in Hiroshima*(1945)²⁶, filmado por japoneses logo após os bombardeios atômicos e depois editado pelos norte-americanos, demonstrou que pelo menos 80% dos meios de comunicação de Hiroshima ficaram indisponíveis com a explosão. Demonstrando, assim, que a segunda bomba atômica foi deliberadamente intencional e não forçada pela “não rendição”.

Hasegawa²⁷ aponta que embora a bomba atômica tenha estremecido a política japonesa o *kokutai*(governo) não teve tempo hábil para emitir uma resposta. No dia 9 de agosto, três dias depois do primeiro bombardeio atômico, a cidade de Nagasaki sofreu o segundo ataque nuclear.

Como Hasegawa aponta, era consenso no alto escalão estadunidense de que a bomba atômica era desnecessária. Acreditavam que somente um embargo a ilha principal poderia causar a rendição japonesa. Entretanto, Igarashi e Bagguley²⁸ demonstram que a urgência em finalizar a guerra foi a principal motriz do uso das bombas atômicas.

A ideia era que o Estados Unidos fosse capaz de fechar o confronto sem o apoio ou uma invasão direta da União Soviética no território japonês. Desta forma, estabeleceu-se que os EUA pudessem conclamar o território japonês para si e ditar as próprias regras na rendição. Essa conclusão foi bem compreendida até mesmo no alto escalão do exército estadunidense, como aponta Gar Alperovitz durante um artigo ao *Washington Post*²⁹.

Em 9 de agosto de 1945⁵, o presidente Truman fez um pronunciamento no rádio que reforçava essa narrativa:

5 9 de Agosto de 1995. Transcrição disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/education/heroesvillains/transcript/g5cs2s1t.htm>. Acesso em: 27/11/2019

Ao descobrirmos a bomba, nós a usamos. Nós a usamos contra aqueles que nos atacaram em Pearl Harbor sem aviso, contra aqueles que privaram de alimentos, espancaram e executaram soldados americanos, contra aqueles que abandonaram todas as pretensões de obedecer aos tratados internacionais de guerra. Nós a usamos para encurtar a agonia da guerra; de modo que salvamos a vida de milhares e milhares de jovens norte-americanos. Nós continuaremos a usá-la até que o poder japonês de criar guerras seja destruído completamente. Apenas uma rendição nipônica irá nos parar...⁶

No dia 15 de agosto de 1945, o Imperador – até então intocável para maior parte dos japoneses – anuncia no rádio a rendição do Japão as forças Aliadas. O momento foi de choque por dois motivos: primeiro pela “aparição pública” do Imperador, apenas alguns poucos podiam ficar sob sua presença, e segundo pela rendição em si. A cultura da honra japonesa não estava preparada para uma derrota, a propaganda e os mais fiéis acreditaram até o último instante na vitória japonesa.

É preciso compreender que esta narrativa tem duas peças centrais: a cultura da honra japonesa e o Imperador Hirohito. Entra vigor o processo do que Igarashi chama de “narrativa de coerção”, a qual trata-se de um processo para isentar a figura do Imperador japonês de sua culpabilidade de guerra e utiliza-lo como uma ferramenta de aproximação com o povo japonês.

O discurso oficial, ao contrário do que as entrelinhas apresentam, dita que a bomba atômica foi necessária para pôr fim a crueldade da Segunda Guerra Mundial que poderia ceifar pelo menos mais um milhão de vidas estadunidenses. Considera-se – ainda – que o número de mortos japoneses seria ínfimo se comparado a continuidade da guerra.

Nesse aspecto tem-se que o Imperador passa ser um agente ativo no fim da Segunda Guerra Mundial – o grande salvador do povo japonês. Hasegawa aponta que de fato é real, ao considerarmos que o Imperador deliberava no conselho de guerra somente em caso de não consenso, exatamente como foi a decisão de se render ou não após as bombas atômicas. O Imperador teve de interferir e optou pela rendição japonesa.

Os Estados Unidos ao terem conhecimento da importância do Imperador na sociedade japonesa, fizeram uso político desta influência. Logo, a narrativa precisava fazer sentido. MacArthur chegou a afirmar que teria poupado Hirohito dos tribunais de guerra quando uma lista com o nome do Imperador no topo chegou à sua mesa – Igarashi afirma que tal lista jamais existiu.

Entretanto, o interesse era claro, queria-se o controle da reconstrução japonesa no pós-guerra a fim de evitar influência soviética. Toda essa narrativa se sustenta a partir da cultura do auto sacrifício que era pregada no Japão.

A narrativa em torno dos bombardeios atômicos encontra seu respaldo na necessidade do fim da Segunda Guerra Mundial. Pregou-se que seria necessário pelo menos a vida de um milhão de soldados estadunidenses para invadir e, por fim, ao Japão,

⁶ Hasegawa argumenta que a reação imediata de Truman teria sido felicidade, sem indicar nenhum remorso ou culpa pelo ato, contrariando suas falas posteriores que afirmavam “ter sido uma decisão difícil”.

caso a bomba atômica não tivesse sido utilizada. A narrativa dita – inclusive – como vidas japoneses seriam ceifadas ao milhares, logo a bomba teria sido positiva para ambos os lados.

Acredita-se que a ideia já era trabalhada antes mesmo do fim da guerra. Os bombardeios em Tóquio – por exemplo – pouparam o prédio imperial da destruição. No pós-guerra a ocupação de MacArthur criou mecanismos para o controle de opiniões.

Os japoneses viveram uma repentina liberdade de imprensa e política, jornalistas, militantes e perseguidos pelo falecido regime imperial, foram soltos das prisões. Contudo, uma única condição foi imposta aos japoneses: não era permitido nenhuma crítica a ocupação estadunidense e aos “novos valores democráticos do Japão”.

Entretanto, a medida de poupar o Imperador não passou despercebida pela população. O responsável pelo segmento de cinema no “departamento de educação e informação civil” da ocupação sugeriu a Fumio Kamei (um dos cineastas mais perseguidos durante a Era Imperial) que fizesse um filme que buscasse os motivos da Segunda Guerra Mundial e servisse de aviso para gerações³⁰.

O filme surgido foi *Nihon no Higeki* (1945)³¹ – “A tragédia japonesa”. O filme de Kamei buscava explicitar os “problemas” do Japão Imperial que levaram ao caos da guerra. Trabalhando aspectos que demonstravam como a cultura do auto sacrifício dos *kamikazes* era inútil – com soldados se explodindo enquanto marinheiros estadunidenses comemoram a cada um que explode no ar.

A crítica ao Japão imperial ia de acordo com os “novos valores democráticos” do Japão pós-guerra. Entretanto, um dos aspectos trabalhados no filme foi a figura do Imperador Hirohito:



Figura 1 A transformação de Hirohito em *Nihon no Higeki*.

Na imagem vemos Hirohito transformando suas vestes militares em um traje social político comum da época, seu semblante duro e formal representam o centro da cultura da honra. Sua transformação destaca-se pelo Hirohito divino e militar se tornar o Hirohito civil e político.

A crítica implícita é que, mesmo que o Japão tenha se transformado, os responsáveis pela “tragédia do passado” foram mantidos. O filme não foi bem recebido pelas autoridades da ocupação que consideraram o filme um problema para as alianças criadas entre os

Estados Unidos e o Japão.

A narrativa fixada no imaginário popular dita que a ocupação norte-americana no Japão foi pacífica e ordenada, algo repetido por Yoshikuni Igarashi e Ruth Benedict. Sean Purdy destaca como esse elemento era uma inverdade.

Quando houve um surto de doenças sexualmente transmissíveis se culpou as “mulheres de conforto” japonesas e foi proibido as “casas de conforto” o que fez com casos de estupro aumentassem exponencialmente. Estes casos foram acobertados pela ocupação³². Os paradoxos podem ser resumidos por Purdy:

A forte censura garantiu que qualquer notícia negativa não fosse divulgada. Por exemplo, os oficiais norte-americanos ocuparam os maiores e mais luxuosos escritórios e casas em Tóquio, bem como outras cidades, além de construir mais de 17 mil novas casas para burocratas e militares (pagas pelo governo japonês), ao passo que milhões de japoneses estavam sem moradia.³³

Na questões políticas o Japão viveu uma mudança de paradigmas e censuras, antes não podiam atentar contra a honra e o dever Imperial. Agora, não podiam atacar os novos valores democráticos japoneses.

O CORPO E A LIBERTAÇÃO DA HONRA

Por baixo das cortinas políticas das relações entre os Estados Unidos e o Japão, há uma gama de cidadãos que se veem desamparados da cultura corporal da honra. O que fica visível é uma felicidade pelo fim do conflito, não sua derrota: e sim o fim.

Fumiko Totsuko, uma editora de revistas, participou de o que Igarashi, chamou de uma “festa selvagem”, regada a bebidas e jazz. Nota-se que o esses elementos provavelmente já estavam na sociedade por meio de um mercado negro, já que não haveria tempo hábil para importação deles e a festa.

O detalhe é que Fumiko teria feito uso de artefatos banidos durante a Era Imperial: vestido e batons vermelhos. Casas de banho abrem, antes do fim da guerra abriam em dias alternados, cidades que racionavam energia elétrica fazem um show de luzes. Em suma, há um sentimento de felicidade geral. Nas obras semi-autobiográficas *Hotaru no haka*(1967) e *Hadashi no Gen*(1973-1985) os autores demonstram essa felicidade por meio de seus personagens e ações de outras pessoas que ficam aliviadas com o fim do conflito.

Akiyuki Nosaka(autor de *Hotaru no Haka*) narrou sua experiência no pós-guerra principalmente com uso da “fome”. O governo passa ofertar rações diárias para as pessoas – assim fazia antes do fim da guerra – e assim como antes as rações eram insuficientes para a população. Um juiz da corte de Tóquio em uma tentativa de demonstrar seu patriotismo tentou sobreviver somente com as rações do Estado, ele faleceu aos 35 anos³⁴.

O caso do juiz demonstra que embora os corpos estivessem fisicamente livres das amarras impostas no passado próximo, isso não significa que a mente estava livre de toda

a doutrinação verticalmente jogada sobre eles. A inflação desde os itens mais básicos fazia com que aproximadamente 68% da renda fosse destinada à alimentação.

As tentativas de congelar os preços por meio de decretos aumentou a transferência de recursos pelo mercado negro. Itens eram reciclados e comercializados no mercado negro. Era tão comum que japoneses recorressem ao mercado negro para satisfazerem seus desejos, que o álcool industrial deixou diversas pessoas mortas ou cegas. O lixo das instalações militares norte-americanas era “reciclado”, cozido e vendido, esgotando em questão de pouco tempo.

Nosaka tinha 15 anos no início do pós-guerra e relata as dificuldades de viver sob a proteção do sistema. Segundo Nosaka, não era possível contar com ajuda alheia: todos passavam pelas dificuldades independente da condição financeira.

Os desejos corporais substituíram a estrita condição corporal da honra na qual os corpos foram submetidos na primeira metade do século XX. O prazer era o trunfo o qual lhes foi negado, porém ainda era inalcançável com a crise.

No esforço pela sobrevivência na sociedade do pós-guerra, o ato de comer ressoava com o desejo sexual. No conto, *Yakeato no Iesu* (“Jesus das Ruínas”), que Jun Ishikawa publicou em 1946, há uma descrição de cenas do mercado negro que germinou nas ruínas de Ueno. O foco do narrador varia de bolinhos de arroz seco que uma mulher está tentando vender com o bordão, “arroz branco fresco e cozido no vapor”, para o corpo voluptuoso da mulher.³⁵

Para Igarashi, esse conto representa a gama de fatores que cercam a nova liberdade do corpo japonês: a fome da escassez e a repentina liberdade sexual dos japoneses. A repressão de antes com a fome de agora faz com que ambos os sentimentos se misturem e fiquem diluídos na carne. Comer e relacionar-se passa ser um luxo na crise do pós-guerra.

A materialização dos sentidos do corpo encontrou refúgio no mercado negro, já que o Estado foi incapaz de nulificá-lo. A possibilidade do desfrute sexual marcou o fim da cultura corporal do auto sacrifício, uma vez que encontrava se diametralmente oposta a ideologia do sacrifício: o prazer para si próprio.

“As imagens de mulheres sexualmente ativas dominaram a sociedade no pós guerra”³⁶,isso demonstra que o pós-guerra trouxe algo que o ocidente já compreendia bem: o sexo enquanto um mercado de consumo. Neste mesmo tópico dezenas de milhares de mulheres foram *Pan pan's* – prostitutas – para atender pracinhas e homens “sedentos” no pós-guerra.

O Estado fazia vista grossa para esse detalhe, que mesmo quando a prostituição era legalizada ocorria cerca de 40 casos de estupro por dia. Após o banimento da prostituição oficial pelas forças de ocupação, em 1946, os casos de estupro subiram para 330 ao dia – fato pouco sabido devido a destruição de arquivos e acobertado por MacArthur³².

Não demorou para que no pós-guerra os corpos fossem novamente enquadrados pelo Estado. A superioridade tecnológica dos norte-americanos ficou evidente com o DDT,

um composto que foi amplamente utilizado no Japão.⁷ Crises de piolhos que levavam semanas para serem contidas deixavam de existir em questão de horas e dias, por conta do DDT.

Nosaka relembra, ainda, que havia um música para enfatizar os “poderes” do DDT no combate à febre tifoide³⁷. Os “corpos saudáveis” era o símbolo desse novo Japão democrático, o corpo deixa de ser uma extensão do Estado japonês e passa ser uma extensão de si – o *self*³⁸ – como o escritor Taijiro Tamura destaca no pós-guerra:

[...] Mas agora o corpo está se rebelando claramente. Os japoneses, sistematicamente, desconfiam da crença. Não acreditamos em nada que não seja nossos corpos. O corpo é uma verdade. A dor do corpo, o desejo do corpo, a fúria do corpo, o êxtase do corpo, a confusão do corpo, o sono do corpo - estas são as únicas verdades³⁸.

Entretanto quais relações podemos estabelecer entre a cultura da honra do início do século e essa cultura do corpo no pós-guerra? A princípio, pouco ou nenhuma, somente que são ressignificações do corpo ao longo dos anos. Entretanto é importante delinear que a presença desse *self* mais corporal ocorreu devido a como foi o desfecho da Segunda Guerra Mundial.

A vivência da crise do pré-fim da guerra, os bombardeios atômicos e a crise do pós-guerra tornaram possíveis essa nova significação do corpo japonês. Em suma, a relação dos japoneses com essa cultura da honra e a forma que se adaptou mentalidade no pós-guerra esta intrinsecamente implícito nesses eventos.

A principal justificativa da moralidade da bomba atômica reside no *yamato-damashii*. Parte-se deste princípio do auto sacrifício japonês para demonstrar uma matemática utilitarista que justifique a bomba atômica. O principal argumento é o “mágico” número de um milhão de vidas de soldados estadunidenses, que seriam necessários para tomar o Japão via uma invasão terrestre – desconsiderando ainda as eventuais vítimas japonesas no processo.

A presença mental da cultura da honra era tão grande que de certa forma mexia com a sanidade mental dos indivíduos, como o caso de um soldado chamado, Hiroo Onoda, viveu durante 30 anos nas Filipinas, escondido recusando se render, sobrevivendo de frutas e animais, a cada tentativa de contato ele pressupunha que eram os norte-americanos buscando captura-lo, até que, em 1974 seu oficial superior – que felizmente ainda estava vivo – “deu a ordem” que pois fim ao fardo do bravo guerreiro³⁹.

A sina se deu devido as ordens diretas que o soldado recebeu de seu oficial superior

7 O DDT possui uma alta letalidade para insetos, tendo sido uma ferramenta útil para combater doenças transmitidas por insetos e piolhos. Apesar dos efeitos positivos, é extremamente tóxico para seres humanos e quando ingerido pode causar distúrbios sensoriais. D'Amato, Claudio & Machado Torres, Joao Paulo & Malm, Olaf. (2002). DDT (dicloro difenil tricloretano): toxicidade e contaminação ambiental - uma revisão. Química Nova. 25. 10.1590/S0100-40422002000600017.

8 Compreendo o *Self* como um conceito que engloba a memória e o corpo. Ele pode ser compreendido com o resultado do cruzamento da memória individual/coletiva, a memória do corpo(sentidos) e os significados que adquirimos dos lugares de memória ⁴². Discuto ele, melhor, em trabalho anterior ⁴³.

em 1945: “Foi dito a eles que deveriam manter seus postos e posição até segunda ordem. Nem a rendição ou suicídio eram opções aceitáveis, enfatizaram os oficiais”

Ao retornar ao Japão, Onada, não foi capaz de viver no Japão pós-guerra, considerou muito diferente do que conhecera. Seu destino se deu em uma fazenda no interior do Brasil⁴⁰. Hiroo Onada não passou pelas transformações que o Japão sofreu e pulando o “processo de transformação” da sociedade japonesa foi incapaz de compreender as mudanças.

Sua memória do corpo ainda estava atrelada à cultura corporal da honra,

E ele não foi capaz de ser absorvido pelo pós-guerra japonês, por não ter passado pelo processo de transformação do corpo na crise do pós-guerra. Sua decisão de ir para um ambiente rural, foi, talvez, uma forma de expressar seu desejo de retorno a sua criação na cidade periférica-rural de *Wakayama*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado anteriormente, sabe-se que há evidências de que a bomba atômica não teria sido necessária e o próprio Estados Unidos reconheceu via seus oficiais na época. Entretanto, os bombardeios atômicos e a ocupação sedimentaram a cultura política da honra no Japão e calcaram uma nova relação do Japão para consigo mesmo.

A Constituição japonesa de 1947 permanece a mesma até os dias de hoje, sendo um das poucas – talvez a única do mundo – que permanece todo o texto original. Contando com apenas 9 páginas – muito pouco se comparado a de outras nações modernas – a Constituição japonesa é a expressão do abandono da cultura da honra.

O núcleo duro desta Constituição⁴¹ se encontra no Artigo 9:

Capítulo II -

Artigo 9. Aspirando sinceramente a paz mundial baseada na justiça e ordem, o povo japonês renúncia para sempre o uso da guerra como direito soberano da nação ou a ameaça e uso da força como meio de se resolver disputas internacionais. Com a finalidade de cumprir o objetivo do parágrafo anterior, as forças do exército, marinha e aeronáutica, como qualquer outra força potencial de guerra, jamais será mantida. O direito a beligerância do Estado não será reconhecido.

Outro detalhe interessante é que ela dita a manutenção do poder Imperial, com a ressalva de que todo poder político vem do povo (a democracia) e não dele:

Capítulo I. O Imperador

Artigo 1. O Imperador deverá ser o símbolo do Estado e a unidade do seu povo, derivando a sua posição a partir da vontade do povo no qual reside a soberania do poder.

Isso não ocorreu ao acaso, a Constituição foi feita com interferência direta dos Estados Unidos. Antes da intervenção direta no documento havia sido feita um outro esboço

pelo próprio Estado japonês, que foi recusado pelas autoridades norte-americanas⁴⁴.

O medo da nações do leste asiático foi um dos principais motores para o impulsionamento do desarme militar japonês. Entretanto, como afirmado por João Fábio Bertonha o Japão nunca foi um país efetivamente desarmado:

A lei japonesa vetava, além disso, que o orçamento dessa Agência de autodefesa possa superar 1% do PIB nacional. Um por cento do PIB de um país como o Japão representava, porém, um dos maiores orçamentos militares do mundo e o país, mesmo antes das atuais reformas, estava longe de ser desarmado. As forças de autodefesa contavam, por exemplo, com várias centenas de milhares de homens, alguns milhares de tanques e blindados, [...]. Sua Marinha contava com dezenas de navios de guerra e centenas de aviões de patrulha e a Força Aérea com centenas de aviões e mísseis, muitos dos quais de última geração. Grandes indústrias japonesas também fabricavam material militar de primeira linha. Essa força militar sofreu cortes em orçamento e efetivo nos anos 1990, seguindo o fim da Guerra Fria, mas o Japão nunca foi um país realmente desarmado⁴⁶.

O grande problema que o Japão enfrenta no momento é uma distância para consigo mesmo. A memória do pós-guerra e as questões da Guerra Fria aproximaram os EUA do Japão e varreu para debaixo do tapete esse passado militar. O autoconhecimento japonês, especialmente da cultura do auto sacrifício e da honra são ferramentas imprescindíveis para a manutenção desta paz no leste asiático liderada pelo próprio Japão.

Assim como é preciso compreender que a visão externa, que o Japão projetava sobre si, é o principal argumento que justifica os bombardeios atômicos e a nova constituição japonesa. Em suma, esse argumento sustenta toda a aproximação dos EUA e do Japão na Guerra Fria.

Desta forma, a compreensão da cultura sobre o corpo nipônico na primeira metade do século é uma ferramenta importante no entendimento da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra japonês, assim como para entender a cultura pacifista que perdura até os dias atuais. Este passado próximo é o que mantém o Japão longe de ser uma potência bélica, fazendo com que a população japonesa recuse até mesmo o poder nuclear⁴⁶.

NOTAS

1 SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto. Ed.1 2011.

2 SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto. Ed.1 2011. p. 150.

3 TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel. 1974.

4 BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (org.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. P.349-363.

5 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

- 6 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.
- 7 MANZENREITER, Wolfram. **Sport and body politics in Japan**. Abingdon: Taylor & Francis. 2014.
- 8 KIKUJURO, FUKISHIMA. APUD IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.
- 9 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.132.
- 10 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.31.
- 11 NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora UNB, 2007.
- 12 NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora UNB, 2007. p.106.
- 13 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.29.
- 14 SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto. Ed.1 2011. p. 186.
- 15 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.37.
- 16 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.28.
- 17 BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.39.
- 18 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.128.
- 19 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.130.
- 20 **NESSA NO CHIKAI**. Direção: Kunio Watanabe. Japão: Toho. 1940. 123min. Sonoro. P/B; **SHINA NO YORU**. Direção: Osamu Fushimizu. Japão: Toho. 1940. 124min. Sonoro. P/B.
- 21 NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora UNB, 2007. p.115.
- 22 NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora UNB, 2007. p.114.
- 23 **HADASHI NO GEN**(Gen pés descalços). Direção: Mori Masaki. Produtor Takanori Yoshimuni, Yasutaka Iwase. Roteiro: Keiji Nakazawa **Japão**: Madhouse/Gen Production. Distribuidora: Herald Enterprises. 1983. (85min): sonoro, cores, animação.
- 24 GLEASON, Alan. **Keiji Nakazawa Interview**. The Comics Journal. Disponível online em: <http://www.tcj.com/keiji-nakazawa-interview/>. Último acesso em: 10 de dezembro de 2020.
- 25 PURDY, Sean. **O General Estadista**: Douglas MacArthur e o Século Americano. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018. p.95.

26 **The effects of the atomic bomb on Hiroshima and Nagasaki**. Direção: Sueo Ito. Produtor: Akira Iwasaki. Japão: Nihon Eiga-sha 1954. (160min/22min): sonoro, preto-branco.

27 HASEGAWA, Tsuyoshi. **Racing the enemy**. Cambridge: the belknap press of harvard university press. 2005. p.184.

28 **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969. P.90-148.

29 ALPEROVITZ, Gar. **Did we have to drop the bomb?**. Washington Post. 1985. Disponível online. Último acesso em 28/11/2018 https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1985/08/04/did-america-have-to-drop-the-bomb-not-to-end-the-war-but-truman-wanted-to-intimidate-russia/46105dff-8594-4f6c-b6d7-ef1b6cb6530d/?utm_term=.587bf4e461d7

30 NORNES, Abé Mark. **JAPANESE DOCUMENTARY FILM**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2003. p.184.

31 **Nihon no Higeki(A tragédia japonesa)**. Direção: Fumio Kamei. Produtor: Akira Iwasaki. Japão: Nihon Eiga-sha 1954. (39min): sonoro, preto-branco.

Rapsódia em

32 PURDY, Sean. **O General Estadista**: Douglas MacArthur e o Século Americano. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018. p.119.

33 PURDY, Sean. **O General Estadista**: Douglas MacArthur e o Século Americano. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018. p.118.

34 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.138.

35 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.140.

36 IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.148.

37IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.174.

38 TAIJIRO, TAMURA. APUD IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011. p.144.

39 BESS, Michael. **Choices under fire**. Nova Iorque: Vintage Books. 2008.

40 BESS, Michael. **Choices under fire**. Nova Iorque: Vintage Books. 2008. p.259.

41 JAPÃO. **A constituição japonesa**. Disponível em meio online: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>

42NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28 .

43 PASTRELLO, Douglas T. **Fragments da dor – a memória e o pós-guerra japonês a partir do filme *Rapsódia em agosto* (1991)**. 122 fls. Dissertação (Mestrado em História Política). Universidade Estadual de Maringá: Maringá. 2020.

44 KIJIMA, Akihiko. **Peace in East Asia and the Japanese Constitution**. 2009. p.170.

45 BERTONHA, João F. A nova estratégia nacional de Defesa japonesa. In: **Boletim Meridiano** 47, vol 15, n. 142. 2014. p.40.

REFERÊNCIAS

ALPEROVITZ, Gar. **Did we have to drop the bomb?**. Washington Post. 1985. Disponível online. Último acesso em 28/11/2018 https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1985/08/04/did-america-have-to-drop-the-bomb-not-to-end-the-war-but-truman-wanted-to-intimidate-russia/46105dff-8594-4f6c-b6d7-ef1b6cb6530d/?utm_term=.587bf4e461d7

BAGGULEY, John. A guerra mundial e a guerra fria. In: Horowitz, David (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969. P.90-148.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BESS, Michael. **Choices under fire**. Nova Iorque: Vintage Books. 2008.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (org.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. P.349-363.

BERTONHA, João F. A nova estratégia nacional de Defesa japonesa. In: **Boletim Meridiano** 47, vol 15, n. 142. 2014. P.39-44.

GLEASON, Alan. **Keiji Nakazawa Interview**. The Comics Journal. Disponível online em: <http://www.tcj.com/keiji-nakazawa-interview/>. Último acesso em: 10 de dezembro de 2020.

HASEGAWA, Tsuyoshi. **Racing the enemy**. Cambridge: the belknap press of harvard university press. 2005.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**. Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.

JAPÃO. **A constituição japonesa**. Disponível em meio online: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/constituicao.html>

KIJIMA, Akihiko. **Peace in East Asia and the Japanese Constitution**. 2009.

KOLAKOWSKI, Christopher. **The MacArthur Memorial**. Disponível em: <http://www.macarthurmemoial.org/>. Acesso em: 24 de Abril. 2018.

MACARTHUR, Douglas. **REMINISCENCES: General of the Army**. Annapolis: Naval Institute Press. 2001.

MANZENREITER, Wolfram. **Sport and body politics in Japan**. Abingdon: Taylor & Francis. 2014.

NISHIKAWA, Toshiyuki. **Peace in East Asia and the Japanese Constitution: A Reexamination 60 Years After Its Making**. 2009.

NOGAMI, Teruyo. *À espera pelo tempo*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28 .

NORNES, Abé Mark. **JAPANESE DOCUMENTARY FILM**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2003.

NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora UNB, 2007.

PASTRELLO, Douglas T. **Fragmentos da dor – a memória e o pós-guerra japonês a partir do filme *Rapsódia em agosto* (1991)**. 122 fls. Dissertação (Mestrado em História Política). Universidade Estadual de Maringá: Maringá. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PURDY, Sean. **O General Estadista: Douglas MacArthur e o Século Americano**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2011.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel. 1974.

WORLD WAR II MUSEUM. **Research Starters**. 2019. Disponível em: <<https://www.nationalww2museum.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.